

COMPREENSÃO WINNICOTTIANA DO ATO E DA INTENÇÃO SUICIDA: DEFESA E RECOMEÇO

THE WINNICOTTIAN UNDERSTANDING OF THE SUICIDAL ACT AND INTENTION: DEFENDING AND RESTARTING

COMPRENSIÓN WINNICOTTIANA DEL ACTO Y DE LA INTENCIÓN SUICIDA: DEFENSA Y RECOMIENZO

*Leopoldo Fulgencio**

RESUMO

Neste artigo, pretende-se analisar alguns aspectos descritivos do ato e da intenção suicida para, então, apresentar a maneira como Winnicott poderia compreender essa ação. Dentre os diversos sentidos que ela pode ter para o indivíduo, seja como uma defesa ante a angústias insuportáveis dirigida a si mesmo ou ao outro, seja, ainda, como efeito secundário de uma ação arriscada que acaba com a morte, destacarei um sentido, pouco comentado, que é o de considerar que certas ações suicidas são uma tentativa de *começar tudo de novo*, caso isso fosse possível. Nesses casos, a ação suicida corresponderia a uma ação do falso *self*, avaliando que não haveria mais nenhuma chance para que o verdadeiro *self* pudesse deixar de ser aniquilado nas suas relações com o mundo. Tal tipo de análise visa, em última instância, fornecer ao clínico uma forma de compreensão que pode ajudá-lo, efetivamente, a ter o que dizer sobre o sentido do suicídio quando essa possibilidade surge como tema no trabalho analítico. Esse tipo de análise se insere no desenvolvimento de uma ética do cuidado psicanalítico no quadro epistemológico e metodológico do pensamento de Winnicott.

Palavras-chave: Suicídio. Significado. Ilusão. Agressividade. Winnicott

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine some descriptive aspects of the act of suicide and suicidal ideation and show the way in which Winnicott would understand this act. Among the different meanings that it can have for the individual, either as a defense against the unbearable anxieties directed at oneself or someone else or, further, as a secondary effect of a risky action

Texto recebido em 30 de março de 2020 e aprovado para publicação em 22 de agosto de 2021.

* Professor Associado (Livre Docente) do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Rua Marcos Azevedo, n. 93. Perdizes. São Paulo – Capital. CEP: 05428-050. Telefone: (55) (11) 981402103. E-mail: lfulgencio@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5730-7626>

Esse artigo corresponde a uma parte da pesquisa sobre as teorias do desenvolvimento do ponto de vista da psicanálise, apoiada pela CAPES (Produtividade em Pesquisa, processo número 301805/2016-4) e pela FAPESP (Auxílio Regular à Pesquisa, processo número 2018/17472-6).

that ends with death. I will highlight one sense, rarely touched upon, which is to consider that certain suicidal acts are an attempt to start over again, as if this was possible. In these cases, the suicidal act would correspond to an act of the false *self*, believing that there would not be any other chance that the true *self* is not annihilated in its relations with the world. This analysis aims ultimately at offering to the clinician an understanding that can help him know effectively what to say on the meaning of suicide when this possibility is an issue in the analytical work. This type of analysis is part of the development of an ethics of psychoanalytic care within the epistemological and methodological framework of Winnicott's thinking.

Keywords: Suicide. Meaning. Illusion. Aggressiveness. Winnicott

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar algunos aspectos descriptivos del acto y de la intención suicida, para luego explicar cómo desde el pensamiento de Winnicott se podría comprender ese acto. Entre los distintos sentidos que este acto puede tener para el individuo, sea como una defensa ante las angustias insoportables hacia sí mismo o el otro, o sea como efecto secundario de un acto arriesgado que lleva a la muerte, destacaré el sentido, poco comentado, relativo a considerar que ciertos actos suicidas son un intento de *empezar todo de nuevo*, siendo que esto sea posible. En estos casos, el acto suicida correspondería a un acto del falso *self*, creyendo que no habría ninguna posibilidad de que el verdadero *self* no sea aniquilado en sus relaciones con el mundo. Ese tipo de análisis busca, en última instancia, ofrecer al clínico una comprensión que pueda efectivamente ayudarlo a saber qué decir sobre el sentido del suicidio cuando ese tema aparece en el trabajo analítico. Este tipo de análisis es parte del desarrollo de una ética de la atención psicoanalítica dentro del marco epistemológico y metodológico del pensamiento de Winnicott.

Palabras clave: Suicidio. Significado. Ilusión. Agresividad. Winnicott

1 INTRODUÇÃO

*“Depois que cheguei ao mundo –
esta chegada me pareceu carregada de um significado
tão assustador que esta se tornou insuportável”
(Cioran, 1973, p. 9)*

O suicídio como uma solução para os males da existência, das dores advindas do amor, de não poder ser neste mundo e não ter um lugar para viver, o suicídio como forma de agressão a si mesmo e aos outros... está sempre à mão! Camus enuncia, inclusive, que só existe um problema filosófico realmente sério, o suicídio: “Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (Camus, 2004, p. 17). Mas o problema não seria, exatamente *porque um ser humano se mata*, mas, justamente, *porque o ser humano não se mata*, dado que há mais desencontros e amarguras na vida do que prazeres e júbilos.

O suicídio, no entanto, só teoricamente é algo disponível a todos. Antonin Artaud, por exemplo, perguntado se o suicídio seria uma solução (Artaud, A. (1925). *Inquiry - Is Suicide a Solution?* In *Collected Works* (Vol. 1, pp. 170-172). London: Calder and Boyars, 1968.), não vê aí uma possibilidade, dado que sente que ainda não teria chegado à vida e, assim, não poderia se retirar dela. Parece haver certas condições emocionais, certas condições de possibilidade emocionais, para que seja uma ação intencionalmente deliberada e executada.

Esse pequeno conjunto de referências mostra a amplitude e a importância do problema existencial que o suicídio coloca, tanto em termos ontológicos como ônticos. O problema que nos interessa, como clínicos, é o de saber quais entendimentos desses fenômenos (seus determinantes e suas condições de possibilidade) podem resultar em ações clínicas: o que podemos falar sobre o suicídio quando nossos pacientes nos comunicam e procuram sentidos (ou saídas) existenciais para seus sofrimentos, quando nos dizem que o suicídio é uma possibilidade ou a única possibilidade? Quando estamos com nossos pacientes não fazemos filosofia, não fazemos teoria, mas cuidamos e, para isto, procuramos entendimento que possa resultar numa compreensão prática do que está em jogo, de modo a poder agir contribuindo para que nossos pacientes possam encontrar outras soluções para seus problemas e sofrimentos existenciais.

A teoria psicanalítica, nas suas mais diversas vertentes, procura compreender isso, especialmente no que se refere aos motivos e dinâmicas inconscientes que podem levar a esta ação. Mais ainda, a psicanálise também se pergunta ou se dedica a compreender qual a representação que o suicida tem da morte, qual o sentido do suicídio para uma pessoa e para os outros que se relacionam com ela. A tentativa de obter essas respostas no quadro da psicanálise – ou seja, no quadro de uma teoria que reconhece a importância dos processos psíquicos inconscientes, do recalque, da sexualidade infantil, do complexo de Édipo, e dos fatos da transferência e da resistência, *commom ground* para todas as correntes teóricas da psicanálise pós-Freud (cf. Freud, 1923a, 1914d; Fulgencio, 2005, 2020) – seria tarefa que excede a proposta de um artigo, seja de natureza

histórica, seja no objetivo de apresentar “o estado da arte” num trabalho de revisão crítica da literatura, dado que temos um campo extremamente diverso, amplo e complexo, referidos aos seus diversos sistemas semânticos da psicanálise. Proponho, então, em primeiro, retomar alguns aspectos descritivos do ato e da intenção suicida para, então, apontar para alguns aspectos sobre a maneira como Winnicott compreenderia o suicídio, delimitando, assim, o campo de análise deste fenômeno (sem fazer juízo de valor comparativo entre as perspectiva de entendimento e sem me propor à tarefa de estabelecer um diálogo completo com outras perspectivas da psicanálise que já se debruçaram sobre esses problemas clínico-existenciais, mas fazer uma ou outra referência, especialmente a Freud, com o objetivo de esclarecer o ponto de vista de Winnicott) – sempre tendo em mente o objetivo de obter uma compreensão que possa resultar numa orientação sobre “o que falar sobre o suicídio com nossos pacientes”, sem que isso represente abandonarmos o lugar do psicanalista (com suas regras de abstinência, não aconselhamento, etc.).

Esse tipo de análise se insere no desenvolvimento de uma *ética do cuidado psicanalítico* no quadro epistemológico e metodológico do pensamento de Winnicott (Fulgencio, 2011). Como essa proposta e a compreensão da obra de Winnicott (articulando a psicanálise com noções advindas do *existencialismo moderno* – rubrica dentro da qual estão inseridas a fenomenologia e a analítica existencial, especialmente no que diz respeito a suas dimensões clínicas, reconhecíveis na fenomenologia psiquiátrica, na psicologia existencialista e na *daseinanálise* (cf. Ellenberger, 1958, 1966, 1995 [1961]) –, creio ser necessário fazer uma ressalva indicando que a obra de Winnicott pode ser entendida fazendo esta articulação de forma coerente e sustentável, em termos conceituais e epistemológicos.

2 RESSALVA EPISTEMOLÓGICA: WINNICOTT E A RELAÇÃO ENTRE A PSICANÁLISE E A FENOMENOLOGIA

Para alguns, a possibilidade de comunhão entre a psicanálise e a fenomenologia é impossível – tal como defendeu um dos pareceristas deste artigo, afirmando que “as perspectivas fenomenológica-existencial e a psicanalítica são incompatíveis, tanto histórica quanto epistemologicamente”. Nessa direção crítica, ainda na perspectiva do parecerista, no caso de Winnicott (que seria interpretado por uns como estando no campo da psicanálise e, por outros, no campo da fenomenologia) seria necessário *decidir* em que campo epistemológico ele estaria sendo considerado (se no da psicanálise ou no da fenomenologia) e, então, manter-se nesse campo escolhido.

A incompatibilidade entre a psicanálise e a fenomenologia é uma posição defendida por diversos autores, dentre eles um nome de peso na psicanálise, André Green, que se refere a essa junção como “*a monstruosidade híbrida da fenomenologia psicanalítica*” (André Green, 1983, p. 91).

Ainda que tal conjunção tenha sido afirmada, de forma tão categórica, como impossível, essa possibilidade tem sido desenvolvida na psicanálise – por exemplo, com Bernard Golse (Golse, 2006) e Sylvain Missonnier (Missonnier, 2009, 2012), como também, mais especificamente na análise da especificidade da obra de Winnicott (cf. Abram, 2007, 2008, 2012; Caldwell & Joyce, 2011, 2012; Dias, 2003; Fulgencio, 2016a, 2020b; Kabesh, 2019; Phillips, 1988; Spelman, 2013a, 2013b).

Para argumentar minha compreensão de que Winnicott fez essa composição e que ela é sustentável epistemológica e metodologicamente, quero comentar alguns aspectos dessa discussão que sustentariam minha posição: 1. a inserção, por Winnicott, de uma *ontologia do ser* na psicanálise; 2. a diferenciação entre *descrever fenomenologicamente e metapsicologicamente*, junto com a afirmação de que Winnicott teria rejeitado o modo de teorização especulativa da metapsicologia; e, 3., concluindo, a avaliação de que estas modificações se harmonizam com os conhecimentos empíricos advindos da psicanálise.

2.1 Ontologia Naturalista e Existencialista

Para Freud a vida da alma deve ser pensada como um objeto tal como qualquer outro estrangeiro ao homem, sendo a psicanálise uma ciência da natureza. A ontologia naturalista de Freud se apresenta na formulação da vida da alma *como se* ela fosse um *aparelho* movido por *forças* (pulsões) e *energias*, tal como os sistemas termodinâmicos (cf. Grünbaum, 1984; Fulgencio 2005, 2008).

O *existencialismo moderno* – ainda que essa expressão conjugue perspectivas muito diferentes, tais como as de Kierkegaard, Husserl, Sartre, Heidegger etc., como explicitou Ellenberger (1958, 1959, 1995 [1961]) – tem como princípio, em suas diversas vertentes, que o homem deve ser considerado como algo que o distingue dos outros entes e deve, pois, ser pensado, em sua essência e determinações, como algo diferente das pedras, dos animais e de qualquer sistema natural.¹ *Grosso modo*, o homem deveria ser pensado numa ontologia que se difere da dos entes da natureza.

A introdução da noção de ser na psicanálise modifica a ontologia naturalista proposta por Freud. A ideia de uma *psicanálise do ser* já foi proposta por Georges

¹ Isto já aparece enunciado em Kant, distinguindo dois modos de compreender o homem: como um dado da natureza, constituindo uma antropologia do ponto de vista da *physis*, uma *antropologia fisiológica*; e como um cidadão do mundo, díspar da natureza, numa *antropologia do ponto de vista pragmático* ou da ação humana (Kant, 1798; cf. tb. Loparic, 2003).

Amado (Amado, 1978, 1979), mas sua realização plena parece só ter sido feita com Winnicott. Nesse sentido, René Roussillon, reconhecendo este fato, afirmou que a inserção da noção de ser na psicanálise, por Winnicott, causou uma *ruptura epistemológica na psicanálise, abrindo um imenso canteiro de obras a ser desenvolvido* (Roussillon, 2009, p. 123). Na continuidade dessa interpretação da obra de Winnicott, muitos de seus comentadores têm mostrado que suas contribuições têm grandes proximidades com a fenomenologia e a analítica existencial, levando a psicanálise para um outro enquadre epistemológico. (Fulgencio, 2014b; 2016a; 2020b; Loparic, 1999, 2001).

2.2 Explicações e Entendimento

Noutro aspecto epistemológico estrutural da análise do que faz a psicanálise, referido ao tipo de causalidade a ser considerada na compreensão da vida emocional e psíquica do ser humano, é necessário fazer a distinção – como fez Wright (1971) – entre fornecer *explicações* (descrevendo *séries causais* sem lacunas) e fornecer *entendimento* (descrevendo os *sentidos* que determinariam os atos, sentimentos, pensamentos e comportamentos do homem). A procura de explicações é característica das ciências naturais e Freud, no seu objetivo de construir a psicanálise como uma ciência natural, a estruturou como uma ciência natural que procura explicar os fatos fornecendo as séries causais, sem lacunas, que geram os sintomas e os sofrimentos, procurando, com isto, a possibilidade de agir no tratamento das psicopatologias.

Considerando esta diferença entre busca de causas e busca de sentidos, Paul Ricoeur (Ricoeur, 1965, 1969, 1970), analisando a obra de Freud, afirmou que ele tinha um autodesconhecimento do que fazia, pois, mesmo dizendo que procurava *explicações* (*causas*), o que apresentava era mais, na verdade, os *sentidos* (por exemplo, dos sintomas), isto é, fornecia *entendimento*. Isto faria com que a psicanálise devesse ser considerada como estando muito mais próxima das ciências hermenêuticas do que das ciências naturais.

A obra de Winnicott, na consideração de que há um tipo de determinação propriamente humana (não redutível às determinações que ocorrem com as máquinas), bem como no uso de uma linguagem mais próxima ao modo de ser do ser humano (e menos analógica ou metafórica relacionando-o com os sistemas naturais, como também distantes dos formalismos e equações matemáticas), procurou apresentar os sentidos dos atos, sentimentos e pensamentos humanos, reiterando esta direção da compreensão das determinações inter-humanas e, portanto, também se colocando de uma maneira mais evidente ao lado da hermenêutica (Fulgencio, 2016a).

2.3 Descrição Fenomenológica e Descrição Metapsicológica

A fenomenologia, tanto no seu sentido filosófico, amplo, de proposta de *busca dos fatos eles mesmos*, quanto no seu sentido mais estrito, de descrever o que pode ser apreendido, *visto*, diretamente na realidade, pode ser considerada como uma prática e uma metodologia que visa a *descrição dos fenômenos*; por outro lado, a metapsicologia visa, enquanto objetivo e método, descrever as dinâmicas que subjazem os fatos, animando-os e determinando-os. Freud reconhece claramente essa distinção, afirmando que a psicanálise se diferencia de outras perspectivas porque ultrapassa a descrição dos fatos, fornecendo explicações dinâmicas sobre suas determinações: “[a psicanálise] *propõe, no lugar de uma simples descrição, uma explicação dinâmica fundada sobre a interação de forças psíquicas*” (Freud, 1913m, p. 207, os itálicos são meus). Isso nos levaria a fazer uma distinção radical entre a *descrição fenomenológica* e a *descrição metapsicológica*.

A suposição de forças [*pulsões*] caracterizariam um ponto de vista dinâmico, ao qual Freud acrescentou um ponto de vista tópico (um *aparelho psíquico*, composto por sistemas psíquicos) e um ponto de vista econômico (*quantum de afeto, libido*, tal como energias investidas, em quantidades diferentes), constituindo, assim, a sua metapsicologia: “Eu proponho que se fale de uma apresentação metapsicológica quando nós conseguimos descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas” (Freud, 1915e, p. 182). Os conceitos metapsicológicos (as pulsões, o aparelho psíquico e suas instâncias, a libido ou quantum de energia), por sua vez, são construções auxiliares teóricas, o que leva Freud a caracterizar a metapsicologia como uma superestrutura especulativa da psicanálise (Fulgencio, 2005).

Na continuidade do desenvolvimento da psicanálise pós-Freud, a metapsicologia foi expandida, reformulada, substituída por outras e, no caso de Winnicott, tratada com indiferença ou mesmo rejeição (Assoun, 2000; Fulgencio, Simanke, Imbasciati, & Girard, 2018). Ao afastar-se do modo de teorização metapsicológico, Winnicott não só se afastou do naturalismo freudiano, mas também se aproximou de um modo de teorização mais próximo à descrição dos fatos. Isso também levou Winnicott a redescrever ou dar outro sentido e referentes para os conceitos metapsicológicos, retirando desses termos seus aspectos especulativos, o que também aproximaria Winnicott das descrições fenomenológicas (cf. Fulgencio, 2007, 2015).

2.4 Winnicott como a Realização de uma Psicologia de Base Fenomenológica

É nesse quadro e com essas composições conceituais, epistemológicas e metodológicas, que a obra de Winnicott, em meu ponto de vista, corresponde

à realização, no campo da ciência, de uma psicologia de fundamento fenomenológico ou analítico existencial (Fulgencio, 2015a, 2018a, 2018b, 2019, 2020b), que poderia ser denominada como uma *psicanálise fenomenológica*.

Isto não significa, paradoxalmente, uma filiação ou adesão de Winnicott à fenomenologia, à analítica existencial ou ao existencialismo moderno (em termos mais amplos), como sistemas adotados por ele (que direcionariam seu pensamento), dado que ele não procede fazendo uma *aplicação* de noções da filosofia na psicanálise, mas, sim, estou argumentando que há uma harmonia, às vezes similaridade, entre algumas perspectivas ou noções do existencialismo moderno e as dele mesmo, nos seus modos de apreender a realidade fenomênica que caracteriza o que é o ser humano.

Esse modo de Winnicott pensar a natureza humana fará com que ele teorize e descreva um processo de desenvolvimento emocional centrado na questão da dependência, apresentando uma teoria que, referida a sua ontologia, poderia ser denominada como uma teoria do desenvolvimento do SER (cf. Fulgencio, 2020a). Isto levaria, então, a psicanálise a ser redescrita como uma *ciência objetiva da natureza humana* (Winnicott, 1945h) que integrou os conhecimentos empíricos obtidos pela psicanálise com outros que são similares aos propostos e apreendidos pela fenomenologia e a analítica existencial, dando à psicanálise um outro enquadre epistemológico.

2.5 Aspectos Descritivos do Ato e da Intenção Suicida

Em geral ouvimos que o suicida quer livrar-se do imenso sofrimento que o aflige: *o objetivo é eliminar a dor!* Por outro lado, apesar dessa intenção, é um ato agressivo, não só em relação ao próprio sujeito, mas também em relação aos outros. Em breve: *o suicídio é um ato agressivo sem defesa!*

Às vezes, como disse Andrés Eduardo Aguirre Antunes (Antunes, 2019), o suicídio é considerado como uma ação humana autônoma, uma possibilidade de escolha dada pela condição humana de poder escolher, seguindo um tipo de interpretação fenomenológica deste problema: o ser humano pode escolher, inclusive, escolher retirar-se da existência! No entanto, desde que foram reconhecidos – seja pela psicanálise, seja pela filosofia (por exemplo, já em Kant, no seu *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*, mas, também, em diversas outras perspectivas como o clássico livro de H. F. Ellenberger, *The Discovery of the Unconscious: the History and Evolution of Dynamic Psychiatry*, 1970) – determinantes inconscientes que determinam a percepção de si, do outro e da realidade, é difícil sustentar, na verdade impossível e contraditório, que o suicídio

possa ser uma escolha “livre e autônoma” do ser humano: *na verdade, o suicida está, via de regra e no mais das vezes, sem a possibilidade de escolha!*

Dada sua situação existencial, o suicida parece acreditar que retirar-se da existência vai eliminar o sofrimento que experimenta (seja devido a sua conjuntura presente, seja devido a um sofrimento que o acompanha ao longo de sua vida). Ele acredita que poderá, então, experimentar alívio ou a eliminação da dor. No entanto, a não ser que ele suponha que ainda estará vivo depois de matar-se, não há a possibilidade dele viver esta experiência. A última das experiências do suicida é o grau máximo de sofrimento, o zênite da dor, para além do qual não haveria nada; o momento da ação suicida corresponde ao da mais alta tensão e, também, como descreveu Goethe no seu *Werther*, o da mais alta coragem. O suicida tem uma lógica contraditória: ele quer eliminar o sofrimento eliminando-se, o que torna impossível estar presente quando não existir mais o sofrimento! Lembro-me de já ter dito a um paciente: “você acredita que vai sentir alívio quando morrer, mas você não terá como sentir este alívio e você perpetuará, para si mesmo, o máximo do sofrimento!”. Nessa lógica, o suicida parece, paradoxalmente, acreditar que ainda estará vivo depois que morrer. Se o ato suicida fracassa, o paciente continua sofrendo (e soma a sua história mais um fato que gera dor, física e psíquica); se é bem-sucedido, só é possível acreditar num alívio caso exista uma outra vida. Ou seja, de uma maneira ou outra, o suicida acredita que sobreviverá à morte.

Outro ponto descritivo-fenomenológico é o fato de que o suicídio agride a si e ao outro, ao mesmo tempo. É comum, ao suicida, considerar que, matando-se, pode se vingar daqueles que ele sente como responsáveis por sua dor (quantos amantes não se matam ou ameaçam se matar, como reação ou vingança ante uma separação!), ainda que não possamos considerar que o suicídio sempre seja uma vingança dirigida ao outro. No entanto, esse ato sempre atinge o outro, sempre deixa marcas que os próximos do suicida carregarão para sempre. Lembro-me, noutra situação clínica, de ter dito a um paciente: “não sei dizer se você sentirá ou não alívio quando se matar, mas sei que seu filho (hoje com 8 anos) sofrerá pelo resto da vida em decorrência disso, ele carregará isso para sempre!”. Uma fala desse tipo pode reconectar o paciente com os seus próximos e, como no caso acima, evitar que ele se mate por amor aos que ama, especialmente aos filhos (digamos que este tipo de intervenção, do ponto de vista do psicanalista, coloca a fantasia do paciente em contato com uns dos aspectos da realidade, o que nem sempre tem efeito, mas pode ser um dos recursos analíticos).

Nesses dois aspectos descritivos do ato e das intenções suicidas, os pacientes têm uma representação sobre o que é a morte: filosófica, metafísica, mas também banal e circunscrita a seu universo pessoal e cultural. Cabe, então, enunciarmos

a questão: qual a representação que o ser humano tem ou pode ter da morte? A resposta preenche mais de uma biblioteca, percorrendo as enunciações sociológicas, históricas, filosóficas, religiosas, artísticas, místicas e psicológicas. Novamente nos deparamos com um oceano de possibilidades e, certamente, não é o caso de procurarmos dar conta de todas elas, mas podemos fornecer uma possibilidade de compreensão, ainda que incompleta e apenas indicativa, focando na maneira como Winnicott considera a questão da representação que um ser humano pode ter sobre a morte.

3 WINNICOTT, A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E O ATO SUICIDA COMO A TENTATIVA DE COMEÇAR TUDO DE NOVO

A representação da própria morte, como uma experiência vivida, é impossível. Essa experiência não pode ser refeita, novamente apresentada para a mente, não pode ser comunicada para outrem. Como então, alguém pode querer algo que não conhece, como pode desejar algo que não tem representação na sua mente? A princípio, dir-se-ia que o homem tem representações indiretas deste fenômeno, dado que tem, na sua existência, inúmeras experiências de finitude, como também pode ter a experiência da morte dos outros. Isso o aproximaria da representação da morte, mas não resolveria o problema. Seria sempre uma representação imperfeita, não fidedigna da morte. A análise desse tema na filosofia e na psicanálise nos levaria a uma diversidade ampla de propostas de compreensão sobre a possibilidade de representar a morte e, no nosso caso, da representação que o suicida tem da morte. Circunscrevendo e delimitando o campo de análise, procurarei mostrar como Winnicott aborda este tema.

Ao introduzir na psicanálise a noção de ser, a de continuidade de ser como sendo a motivação básica da própria natureza humana, Winnicott produziu uma alteração no modelo ontológico de homem, como já comentei acima na minha ressalva epistemológica. Ao referir-se aos estágios primários do desenvolvimento ou da origem da própria natureza humana, ele pergunta: “Qual é o estado do indivíduo humano quando o ser emerge do interior do não-ser? Onde fica a base da natureza humana em termos do desenvolvimento individual? Qual o estado fundamental ao qual todo ser humano, não importa a sua idade ou experiências pessoais, teria que retornasse desejasse começar tudo de novo?” (Winnicott, 1988, p. 153).

Esse estado de não-ser ele denomina também como sendo o da *solidão essencial* que, convém esclarecer, tem dois sentidos (referindo-se a dois referentes diferentes): primeiro, trata-se de um momento anterior à existência, quando ainda não-se-está-vivo (uma solidão *ontológica* ou *metafísica*); e, segundo, quando adentrou-se no ser, tendo sido consumada a origem, momento em que

não se existe, ainda, maturidade para apreensão do mundo exterior, fazendo que esse ser inicial apreenda-se como sendo o único existente, logo só (uma solidão *experencial*).

O que importa aqui, para minha análise, é a associação entre solidão essencial, não-estar-vivo, ou, ainda, estar morto, dado que é justamente essa passagem para a vida que constitui não só uma experiência fundamental, mas o substrato experiencial que fornece a base empírica para que o ser humano construa a sua representação sobre o que é estar morto, dado que a experiência da morte final não pode ser *re-apresentada* nem transmitida:

O estado anterior ao da solidão é um estado de não-estar-vivo, sendo que o desejo de estar morto é em geral um disfarce para o desejo de ainda-não-estar-vivo. A experiência do primeiro despertar dá ao indivíduo a ideia de que existe um estado de não-estar-vivo cheio de paz, que poderia ser pacificamente alcançado através de uma regressão extrema. Muito do que é dito e sentido a respeito da morte, na verdade se refere a este estado anterior ao estar-vivo, no qual o estar sozinho é um fato e a dependência ainda se encontra muito longe de ser descoberta. (Winnicott, 1988, p. 154)

Quando o homem deseja a morte, seja numa formulação-expressão corriqueira do banal, seja de maneira consistente que pode resultar no suicídio, parece que é essa representação do que é estar morto que está sendo presentificada, ainda que não possamos considerar que seja a única fonte da representação que o ser humano tem da morte como um fenômeno da sua existência (todas as experiências que o ser humano tem com a finitude – dos objetos, das pessoas, e mesmo das situações – ao longo da sua história individual ou social, mais ou menos intensas, fornecem referentes para a representação da morte.

Nesse sentido, seria incorreto reduzir toda ação suicida a este desejar “começar tudo de novo” – não me parece, por exemplo, que Walter Benjamin, fugindo dos nazistas, tenha sido impulsionado para o suicídio com esta intenção, referindo-se, assim, a uma de outras possibilidades – mas trata-se de uma compreensão importante para o manejo clínico da comunicação e diálogo com os pacientes que colocam o suicídio como uma possibilidade (ou perigo).

Cabe, ainda aqui, uma observação, no campo da psicanálise, visando especificar a posição de Winnicott, referindo-nos à *pulsão de morte*, proposta por Freud como uma hipótese especulativa para explicar, *grosso modo*, a compulsão à repetição e a agressividade. Em primeiro, deve-se reiterar a compreensão de que a pulsão de morte *não* corresponde, nos indivíduos, a um desejo de morte, ou na procura intencional da morte (cf. Assoun, 1981, 1997; Laplanche & Pontalis, 1967). Segundo, que, mesmo nos mantendo dentro do rigor do pensamento de Freud, e considerando que a pulsão de morte poderia ser interpretada como um impulso ontológico que leva, *stricto senso* e de forma radical, à morte

(eliminação de toda excitação, da excitação que caracterizaria a própria vida), convém lembrar que Winnicott considera a pulsão de morte como “o único erro de Freud” (Winnicott, 1987b, p. 42), como sendo uma *solução errada* para o problema da agressividade, da compulsão à repetição, da necessidade de eliminação da excitação, etc. (cf. Fulgencio, 2012; Winnicott, 1965h, pp. 116-117; 1965va, p. 161; 1971g, pp. 101-102). Evidentemente, noutros contextos semânticos-teóricos da psicanálise que não o de Winnicott, a pulsão de morte tem uma importância e um valor heurístico considerável, tomada como “um operador conceitual importante para a problematização de diversas dimensões, tanto teóricas quanto clínica”, como afirmou um dos parecerista deste artigo; mas contextos diferentes têm exigências e valores diferentes e, no objetivo deste artigo, não está em questão desqualificar nenhum deles, muito menos Freud, mas mostrar a diferença e a especificidade de uma perspectiva. Nesse sentido, do ponto de vista de Winnicott, a noção de pulsão de morte não pode ser considerada como um operador para a explicação do ato suicida e ela não faz parte de um vocabulário válido no seu sistema semântico-teórico.

Aponte, acima, para a maneira como Winnicott se refere à representação que o homem pode ter da morte, da sua própria morte, concluindo que a intenção de morrer estaria associada à representação possível sobre o fim, a última morte, mostrando que, para Winnicott, paradoxalmente, no caso da intenção suicida, poderíamos, em certos casos, remetermos este fato ao sentido, ou busca, de “começar de novo”.

Associado ao conceito freudiano de pulsão de morte, temos o problema da agressividade, da origem da agressividade, no ser humano e, conseqüentemente, a questão da agressividade do gesto suicida. Como Winnicott recusa a pulsão de morte, resta saber como ele explicaria a origem da agressividade sem recorrermos a essa opção, bem como, seguindo nosso foco, a compreensão da agressividade presente no ato suicida, o que nos leva a mais um item a ser analisado.

4 A AGRESSIVIDADE DO ATO SUICIDA

Em termos descritivos, o suicídio é uma agressão que atinge a si mesmo e ao outro, com maior ou menor intencionalidade (consciente ou inconsciente), dirigida, primariamente, a si mesmo, mas, secundariamente, ao outro (ainda que, em alguns casos, o foco esteja muito mais na intenção de atingir o outro). Retirados os casos em que a morte não é o objetivo e a intenção principal, mas um efeito secundário (por exemplo, de uma cena histórica, dentre outras possibilidades), caberia explicar os casos em que há um ato agressivo que visa, propriamente e intencionalmente, a morte de si mesmo.

Seja na relação com os outros, seja na relação consigo mesmo, a agressividade e a destrutividade é um componente central do ato suicida. Explicar ou entender qual é a origem da agressividade-destrutividade no ser humano torna-se, então, uma das referências necessárias para compreender o ato suicida, evidentemente em conjunto com uma série de outras determinações, tais como descrevi acima.

Winnicott está ciente de que a agressividade pensada como derivada de *frustrações nas relações objetais* é um dos elementos essenciais para pensar a agressão, ainda que se coloque a questão se há uma agressividade que não é uma reação à frustração. O que fica como questão, no entanto, no quadro do pensamento de Winnicott, é a questão de saber qual é a origem da agressividade no ser humano, saber se há uma origem ou se ela é inata. É isso que passo a analisar.

Para Winnicott, não há um impulso destrutivo inato que tem a intensão de destruir, seja os objetos ou seja o *self* (ou o eu). A destrutividade com intensão de destruir é gerada na vida relacional; por outro lado, há, para Winnicott, um *impulso amoroso primitivo* (às vezes sinônimo de motilidade ou vitalidade) que impulsiona a agir sobre si mesmo e sobre o outro como expressão do próprio estar vivo, ação que pode ter um efeito secundário de danificação do outro ou do objeto (um exemplo simples, é do feto que chuta a barriga da mãe, ou, ainda, do bebê que morde vivazmente o seio da mãe. Em nenhum desses casos há a intensão de destruir, mas pode ocorrer destruição). Às vezes, me refiro a isso dizendo, genericamente, *amar gasta o outro*. Nesse contexto, a ação suicida não poderia advir do impulso amoroso primitivo, dado que ele nunca visa a destruição, e só poderia, pois, advir como uma reação, um mecanismo de defesa. Em todos os casos, no entanto, o suicídio poderia ser considerado como uma *defesa* ante a angústias existenciais insurportáveis.

Na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott há um momento descrito como sendo a *fase do uso do objeto*, que afirma, dentre outros fenômenos, que o “objeto bom” deve ser destruído. Às vezes, essa destruição é associada, por comentadores, a um impulso destrutivo que visa diretamente e objetivamente a destruição do objeto, às vezes até associado à pulsão de morte (por exemplo, em Abram, 2009). Creio que essa interpretação não é sustentável. Para ser sintético em minha argumentação, creio que seria possível afirmar, descrevendo o que ocorre nessa dinâmica do *uso do objeto*, entender esse fenômeno da seguinte maneira: aquilo que é, para o *self*, um objeto subjetivo ou um objeto transicional, nessa fase do uso do objeto, é destruído, não na sua totalidade, não na sua existência corpórea, mas na sua qualidade de ser subjetivo ou transicional – *o que é destruído não é o objeto, mas o modo de relação com o objeto*. Destrói-se o modo de relação subjetivo ou o modo de relação transicional com o objeto,

dados que o self (ou o indivíduo) passa a ter um outro modo de relação com o objeto, apreendendo-o, agora, como sendo externo ao self. Não há a intensão de destruir, sendo a destruição um efeito secundário (ainda que intrínseco) da mudança no modo de relação. Quando isso ocorre, temos, como resultados, tanto o objeto externo como o Eu diferenciados um do outro, Eu e objeto sendo sentidos como sendo dois. A destrutividade envolvida nesse processo não tem a intensão de destruir o objeto, nem em sua materialidade nem em seus modos de relação, a destruição é um efeito secundário de uma ação positiva, afirmativa. No suicídio, no entanto, há intensão de eliminação de si mesmo (como objetivo primário e não secundário – por exemplo, a cena histórica), o que me faz, então, afirmar que a ação suicida não está associada à dinâmica caracterizada como sendo a do uso do objeto.

Nesse contexto – excluída a tese de pulsão de morte e reconhecido que a destruição associada ao impulso amoroso primitivo e a destruição associada à fase do uso do objeto não visam, primariamente, a destruição – pode-se afirmar que, para Winnicott, o suicídio não é fruto de nenhum impulso destrutivo constitucional, mas sempre um *mecanismo de defesa*. Os mecanismos de defesa, por sua vez, poderiam ser distinguidos como sendo de dois tipos: os que se realizam considerando que há uma integração conquistada numa unidade do sujeito psicológico que distingue Eu de não-Eu, seja em termos de relações a dois corpos seja em relação a três e, nesse sentido, às angústias das quais o indivíduo procura se defender, dizendo respeito ao imenso e múltiplo contexto dos problemas relativos às relações de objeto e à perda ou frustração que eles, ou o desejo por eles, podem acarretar; e os que ocorrem quando não há, ainda, este tipo de integração, e as angústias aí envolvidas se referem a um tipo de sofrimento associados a falhas de sustentação ambiental, às invasões, aniquilações, que acabam por levar à vivência das angústias de aniquilação, ou angústias que Winnicott denominou impensáveis (cair para sempre, estar aos pedaços etc.). Este segundo grupo, note-se, refere-se a um tipo de aniquilação também caracterizável como sendo aniquilação do ser, não redutível aos problemas de investimento libidinal (administração da vida instintual ou pulsional). O suicídio, pensado num ou noutro quadro dos mecanismos de defesa, tem conotação relacionais e sentidos muito diferente de acordo com o quadro, o que implica, também, em modos diferentes de cuidado com os pacientes que têm risco ou correm o risco de realizar o ato suicida.

Para Winnicott, a destrutividade, inclusive a suicida, tem sua origem nas relações inter-humanas, podendo ser geradas antes ou depois da conquista da unidade EU SOU; nunca advindo de alguma fonte estrutural inata. A destrutividade é, então, em todos os casos, também uma defesa, seja contra a

frustração seja contra as angústias mais primitivas ou ditas impensáveis e, nessa direção, a destrutividade de si mesmo, como um modo de começar tudo de novo, também seria pensada como uma defesa paradoxal (tudo destruir, para tudo começar de novo).

5 O ATO SUICIDA COMO UMA AÇÃO DO FALSO SELF

Ao figurar sinteticamente a situação existencial do ser humano, Winnicott desenha um círculo dentro do outro: figuração que serve tanto para designar o feto na barriga da mãe quanto o homem como cidadão do mundo (passando pela miríade de possibilidades de compreensão do que é o círculo interno e o círculo externo). Num dos momentos em que ele analisa como os modos de relação do indivíduo são afetados pelo ambiente, ele diz, referindo-se às fases primitivas do desenvolvimento: quando o indivíduo é sustentado pelo ambiente, e este fornece-lhe aquilo que é de acordo com sua necessidade, o ambiente (o mundo externo) é aceito e ocorre um movimento, a partir do indivíduo, em relação ao eu que o ambiente fornece; por outro lado, quando o ambiente falha nesta tarefa (não atendendo ou sendo invasivo), o indivíduo recolhe-se e, para proteger-se, coloca um anteparo (o falso self), para lidar com a invasão ambiental (cf. Winnicott, 1953a, p. 309; 1986e).

Quando a necessidade de reagir ao ambiente (à sua falha ou invasão) estabelece um padrão existencial, então, temos a constituição daquilo que Winnicott caracterizou como sendo o falso self patológico (Fulgencio, 2014a; Winnicott, 1971r, 1986e (Winnicott, 1986e). Retomo a distinção entre o verdadeiro *self* e o falso *self*, apoiando-me em duas afirmações de Winnicott:

O conceito de um falso self tem que ser contrabalanceado por uma formulação do que poderia, com propriedade, ser denominado *self* verdadeiro. No estágio inicial o *self* verdadeiro, o verdadeiro *self* é a posição teórica de onde vem a o gesto espontâneo e as ideias pessoais. O gesto espontâneo é o verdadeiro *self* em ação. Enquanto o self verdadeiro é sentido como real, a existência de um falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e um sentimento de futilidade. (1965m, p. 135)

No desenvolvimento inicial do ser humano o ambiente que age de modo suficientemente bom *permite que o crescimento pessoal tenha lugar*. Os processos do eu podem nesse caso permanecer ativos, numa linha ininterrupta de crescimento vivo. Se o ambiente não se comporta de modo suficientemente bom, o indivíduo passa a reagir à intrusão, e os processos do eu são interrompidos. Se este estado de coisas atinge um certo limite quantitativo, o núcleo do eu passa a ser protegido. Há uma paralisação, e o eu não consegue novos progressos a não ser que as situação da falha ambiental seja corrigida do modo como descrevi anteriormente. Com o eu verdadeiro protegido, surge um falso eu construído sobre a base de uma submissão defensiva, a aceitação da reação à intrusão. O desenvolvimento do falso eu é uma das *organizações defensivas mais bem-sucedidas*, destinada a proteger o núcleo do eu verdadeiro, e sua existência tem por consequência a sensação de inutilidade. Gostaria

de repetir aqui a ideia de que enquanto o centro de operações do indivíduo localiza-se no falso eu haverá essa sensação de inutilidade, e na prática podemos ver a mudança para o sentimento de que a vida vale a pena ao nos aproximarmos do momento em que o centro de operações se transfere do eu falso para o eu verdadeiro, mesmo antes de o núcleo deste ser passado para o ego total. (1955d, p. 389)

Assim, tendo se estabelecido como um padrão existencial, o falso *self* corresponde a um modo de ser defensivo que protege o verdadeiro *self* de ser invadido ou aniquilado, com a finalidade de encontrar no futuro condições ambientais e relacionais para que o verdadeiro possa ocupar o lugar central da existencial (o falso *self* seria como um tipo de relações públicas que, mesmo fazendo parte do que é a pessoa, acaba por ocupar o lugar central do comando e presença existencial-relacional). Quando essas situações ou condições são encontradas, o falso *self* pode se retirar; no entanto, se ocorre algo na direção inversa, na qual a esperança se perde por completo e, por assim dizer, o falso *self* fica convicto de que o verdadeiro *self* será, *para sempre*, invadido e aniquilado, e a vida não vale mais a pena de ser vivida, então, o suicídio surge como uma decisão final, radical e paradoxal, de proteger o verdadeiro *self*. *É a solução final para a proteção do self.*

6 QUEM PODE SE MATAR?

Antes de fornecer uma resposta a essa pergunta, que na verdade não se tem a possibilidade de prever com segurança, podemos retomar quais são os grandes modos de organização psíquica, do ponto de vista de Winnicott, considerando que o suicídio pode ocorrer a todos estes tipos. Winnicott se refere a três tipos de pacientes ou três tipos de integração: os integrados que estabelecem relação consigo mesmo e com os outros como sendo pessoas inteiras (*grosso modo*, os neuróticos); os recém-integrados, que, tendo chegado nesta condição organizacional-existencial, precisam confirmar suas integrações e têm problemas de humor (*grosso modo*, os deprimidos); e os não-integrados ou desintegrados, para os quais a estrutura da personalidade não está estabelecida (*grosso modo*, os psicóticos) (Winnicott, 1955d, pp. 375-376).

Esses três tipos apresentam, por sua vez, modos de ser-estar-relacionar-se com o mundo, relacionar-se com o outro. Isso faz com que o conjunto de análises anteriores possam ser inseridas nos quadros dinâmicos relacionais destes tipos, tendo, assim, seus modos específicos de lidarem com a fantasia do que decorre da ação de se matar.

Seja lá como for, o suicídio corresponde a uma falsa solução. A não ser em situações tal como a vivida pelo próprio Freud, no final da vida, quando ele delega a Anna Freud e a seu médico Max Schur a decisão sobre o momento da sua morte, mas, nesse caso não me parece que podemos nos referir a este tipo de acontecimento como sendo um suicídio.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo, agora, em termos muito sintéticos, o que foi abordado nesse artigo, focando minha atenção nos casos em que o suicídio é uma tentativa de recomeço, analisando o tema do ponto de vista da obra de Winnicott. O suicida busca alívio a sua dor, mas mantém a ilusão de que estará vivo para poder sentir este alívio; o ato suicida é um ato agressivo para si mesmo e para os outros. A representação que o homem tem da morte tem muito mais a ver com a experiência inicial, da passagem de um estado de não-vivo para o de estar vivo, do que aquilo que é possível supor acontecer no acontecimento em que o homem se retira ou é retirado da existência. O desejo suicida pode ser o desejo de reencontrar ou retomar o início, onde não havia nenhum sofrimento; pode também ser, paradoxalmente, um mecanismo de defesa contra a eterna invasão e aniquilação do self. A compreensão apresentada pretende fornecer instrumentos para o diálogo e a comunicação psicoterápica, no cuidado psicanalítico com pacientes que apresentam o suicídio como uma possibilidade.

REFERÊNCIAS

- Abram, J. (2007). *The Language of Winnicott. A dictionary of Winnicott's Use of Words* (2 ed.). London: Karnac Books.
- Abram, J. (2008). Donald Woods Winnicott (1896–1971): A brief introduction. *The International Journal of Psychoanalysis*, 89(6), 1189-1217.
- Abram, J. (2009). L'objet qui survit et l'objet qui ne survit pas: quelques réflexions sur les racines de la terre. *Les Lettres de La Société de Psychanalyse Freudienne, Winnicott, un psychanalyste dans notre temps*(21), 93-112.
- Abram, J. (2012). On Winnicott's clinical innovations in the analysis of adults. *International Journal of Psychoanalysis*, 93(1461-1473).
- Amado, G. (1978). *L'être et la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Amado, G. (1979). *De l'enfant à l'adulte. La psychanalyse au regard de l'être*. Paris: PUF.
- Artaud, A. (1925). Inquiry - Is Suicide a Solution? In *Collected Works* (Vol. 1, pp. 170-172). London: Calder and Boyars, 1968.
- Antunes, A. E. A. (2019). Comentário em reunião científica sobre “Regressão à dependência no processo psicoterápico”. Youtube: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H7GuGGp9JHs&t=6718s> ; em 18/09/2019.
- Assoun, P.-L. (1981). Lire La Mettrie *La Mettrie* Paris: PUF.
- Assoun, P.-L. (1997). *Psychanalyse*. Paris: PUF.
- Assoun, P.-L. (2000). *La métapsychologie* Paris: PUF.
- Caldwell, L., & Joyce, A. (2011). General Introduction of *Reading Winnicott*. In L. Caldwell & A. Joyce (Eds.), *Reading Winnicott*. London: Routledge.
- Caldwell, L., & Joyce, A. (2012). Winnicott in his time. In A. Horne & M. Lanyado (Eds.), *Winnicott's Children* (pp. 1-40). London and New York: Routledge.
- Camus, A. (2004). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record.
- Cioran, E. M. (1973). *De l'inconvénient d'être né*. Paris: Gallimard.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Ellenberger, H. F. (1958). A Clinical Introduction to Psychiatric Phenomenology and Existential Analysis *Existence. A New Dimension in Psychiatry and Psychology* (pp. 92-124). New York: Basic Books.
- Ellenberger, H. F. (1959). Existentialism and its Interest for Psychiatry *Menninger School of Psychiatry, décembre* (26), 26 ronéotées.
- Ellenberger, H. F. (1966). Herméneutique et psychanalyse *Médecines de l'âme. Essais d'histoire de la folie et des guérisons psychiques*. Mesnil-sur-l'Estrée: Fayard, 1996.
- Ellenberger, H. F. (1995 [1961]). Existencialismo et psychiatrie *Médecines de l'âme. Essais d'histoire de la folie et des guérisons psychiques*. Mesnil-sur-l'Estrée: Fayard.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The Discovery of the Unconscious. The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. New York: Basic Books. [*Histoire de la découverte de l'inconscient*. Mesnil-sur-l'Estrée: Fayard, 1994]
- Freud, S. (1913m). On Psycho-Analysis. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 206-212).
- Freud, S. (1914d). On the History of the Psycho-Analytic Movement. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 3-66).
- Freud, S. (1915e). The Unconscious. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 161-215).
- Freud, S. (1923a). Two Encyclopaedia Articles. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 234-260).
- Fulgencio, L. (2005). Freud's metapsychological speculations. *International Journal of Psychoanalysis*, 86(1), 99-123.
- Fulgencio, L. (2008). *O método especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC.
- Fulgencio, L. (2010). Aspectos gerais da rescrição winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. *Psicologia USP*, 21(1), 99-125.
- Fulgencio, L. (2011). A ética do cuidado psicanalítico para D. W. Winnicott. *A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 3(1 & 2), 91-111.
- Fulgencio, L. (2012). Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. *Ágora*, XV(Especial), 469-480.

- Fulgencio, L. (2013a). A redescritção da noção de Superego na obra de Winnicott. *Rabisco. Revista de Psicanálise*, 3, 153-168.
- Fulgencio, L. (2013b). A situação do narcisismo primário. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(3), 131-142.
- Fulgencio, L. (2014a). Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. *Estilos da Clínica*, 19(1), 183-198.
- Fulgencio, L. (2014b). A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico do homem para Winnicott *A fabricação do humano* (pp. 145-159). São Paulo: Zagodoni.
- Fulgencio, L. (2014c). A noção de Id para Winnicott. *Percurso. Revista de Psicanálise*, XXVI (51), 95-104.
- Fulgencio, L. (2015a). Apontamentos para uma análise da influência do existencialismo moderno na obra de Winnicott. *Ciência e Cultura*, 67(1), 36-39.
- Fulgencio, L. (2015b). Discussion of the place of metapsychology in Winnicott's work. *The International Journal of Psychoanalysis*, 96(5), 1235-1259. doi:10.1111/1745-8315.12313
- Fulgencio, L. (2016a). *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni.
- Fulgencio, L. (2016b). *Mach & Freud: Influências e Paráfrase*. São Paulo: Edições Concern - FAPESP.
- Fulgencio, L. (2018a). Can Winnicott's psychoanalysis be the accomplishment of a phenomenologically oriented scientific psychology project? *Psicologia USP*, 29(2), 303-313. doi:10.1590/0103-656420170048
- Fulgencio, L. (2018b). Pode a psicanálise de Winnicott ser a realização de um projeto de psicologia científica de orientação fenomenológica? *Psicologia USP*, 29(2), 303-313. doi:10.1590/0103-656420170048
- Fulgencio, L. (2020a). Incommensurability between paradigms, revolutions and common ground in the development of psychoanalysis *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(01), 13-41. doi:10.1080/00207578.2019.1686389
- Fulgencio, L. (2020b). *Psicanálise do Ser. A Teoria Winnicottiana do Desenvolvimento Emocional como uma Psicologia de Base Fenomenológica*. São Paulo: EDUSP-FAPESP.

- Fulgencio, L., Simanke, R., Imbasciati, A., & Girard, M. (Eds.). (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. São Paulo: Blucher.
- Golse, B. (2006). *L'être bébé. La question du bébé à la théorie de l'attachement, à la psychanalyse et à la phénoménologie*. Paris: PUF.
- Green, A. (1983). *Narcissisme de vie narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Green, A. (1995). *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon.
- Grünbaum, A. (1984). *The Foundations of Psychoanalysis*. Berkeley: University of California Press.
- Kabesh, A. T. (Ed.) (2019). *Twelve Essays on Winnicott. Theoretical Developments and Clinical innovations*. New York: Oxford University Press.
- Kant, I. (1798). *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulaire de psychanalyse*. Paris: PUF.
- Loparic, Z. (1999). Heidegger and Winnicott. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, 1(1), 104-135.
- Loparic, Z. (2001). Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, 3(1), pp. 91-140.
- Loparic, Z. (2003). As duas metafísicas de Kant. *Kant E-prints*, 2(5).
- Mach, E. (1905). *Knowledge and Error. Sketches on the Psychology of Enquiry*. Dordrecht-Holland / Boston-USA: D. Reidel Publishing Company, 1976.
- Missonnier, S. (2009). *Devenir parent, naître humain*. Paris: PUF.
- Missonnier, S. (2012). Introduction. In S. Missonnier, M. Blazy, N. Boige, N. Presme, & O. Tagawa (Eds.), *Manuel de psychologie clinique de la périnatalité* (pp. 1-18). Paris: Elsevier Masson.
- Missonnier, S., Blazy, M., Boige, N., Presme, N., & Tagawa (Eds.). (2012). *Manuel de psychologie clinique de la périnatalité*. Paris: Elsevier Masson.
- Phillips, A. (1988). *Winnicott*. São Paulo: Idéias & Letras, 2007.

- Ricoeur, P. (1965). *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil.
- Ricoeur, P. (1969). *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris: Éd. du Seuil.
- Ricoeur, P. (1970). *Freud and Philosophy*. New Haven: Yale University Press.
- Roussillon, R. (2009). Transitionnel et réflexivité. *Les Lettres de La Société de Psychanalyse Freudienne, Winnicott, un psychanalyste dans notre temps*(21), 123-140.
- Spelman, M. B. (2013a). *The Evolution of Winnicott's Thinking: Examining the Growth of Psychoanalytic Thought Over Three Generations*. London: Karnac Books.
- Spelman, M. B. (2013b). *Winnicott's Babies and Winnicott's Patients: Psychoanalysis as Transitional Space* London: Karnac Books.
- Winnicott, D. W. (1945h). Para um Estudo Objetivo da Natureza Humana *Pensando sobre Crianças* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Winnicott, D. W. (1953a). Psicoses e Cuidados Maternos (D. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 305-315). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1955d). Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Psicanalítico *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 374-392). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1965h). Classificação: Existe uma Contribuição Psicanalítica à Classificação Psiquiátrica? *O Ambiente e os Processos de Maturação* (pp. 114-127). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965m). Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro Self *O Ambiente e os Processos de Maturação* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965va). Enfoque Pessoal da Contribuição Kleiniana *O Ambiente e os Processos de Maturação* (pp. 156-162). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1971g). A Criatividade e suas Origens *O Brincar & a Realidade* (pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

- Winnicott, D. W. (1971r). O Brincar: A Atividade Criativa e a Busca do Eu (*Self*) *O Brincar & a Realidade* (pp. 79-93). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1986e). O conceito de falso self *Tudo Começa em Casa* (pp. 53-58). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1987b). *O Gesto Espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Wright, G. H. v. (1971). *Explanantion and Understanding*. Ithaca, New York: Conell University Press.